

Estatística e ideologia = Desinformação

Silvio Munhoz

Articulista da Tribuna Diária.

Membro do MPPS e do MCI.

Artigo publicado na Tribuna Diária, em três partes:

Parte 1 em 25 de fevereiro, Parte 2 em 4 de março e

Parte 3 em 11 de março de 2021.

Parte 1: Entendendo o Atlas da violência urbana

Se você quer inspirar confiança, forneça muitas estatísticas. Não importa se elas estão certas, ou mesmo façam sentido, contanto que sejam muitas.

(Lewis Carroll, pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson, criador de Alice no País das Maravilhas)

O ano de 2020 foi recheado de novidades e fatos, impactantes e quase diuturnos na verdadeira guerra cultural vivida no Brasil e no mundo, distraíndo-me a ponto de pouco ou quase nada escrever sobre um tema, que tenho predileção em abordar a “ideologia utilizando a estatística para gerar a desinformação”.

A mentira estatística é uma das armas mais utilizadas na guerra cultural gerada pela esquerda embasada em Gramsci e na escola de Frankfurt, abandonada a dicotomia “proletariado-burguesia”, mas adotando, no lugar, a divisão da sociedade em raça, homem x mulher, gênero, entrechoque entre criminoso/vítima da sociedade e o policial/demoníaco (violento por natureza) etc. Por conta disso não podemos abandonar o

tema e precisamos retornar, volta e meia, para demonstrar a ideológica utilização da estatística pela *intelligentsia* com o fito de gerar desinformação.

Por conta disso, a pequena releitura (sem ideologização da estatística) do Atlas da Segurança Pública de 2019¹, cujos dados são oficiais, verdadeiros, retirados do SIM/MS²e referentes ao ano de 2017, porém, interpretados – como já apontei – com evidente viés esquerdista³. Os números apontam a prática de 65.602 homicídios no ano (computadas as intervenções ‘legais’ – como diz o nome não seriam crimes, a princípio), gerando o índice de 31,6/100mil habitantes, colocando o Brasil entre os países que mais matam no mundo, seja em números absolutos ou relativos.

Normalmente, enfoco a análise sobre violência policial, muito pouco falada no referido atlas, ou a questão do desarmamento, pois embora aponte que 72,4% dos homicídios foram cometidos com armas de fogo (portadas por bandidos),

1

https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj0fSB8NDuAhWsQzABHWCfDowQFjACegQIAhAC&url=https%3A%2F%2Fwww.ipea.gov.br%2Fportal%2Findex.php%3Foption%3Dcom_content%26view%3Darticle%26id%3D34784&usg=AOvVaw3sc-AQLyC0FV2pePhARZT_

² SIM/MS (sistema de informação sobre mortalidade – Ministério da Saúde).

³ <https://www.defesenet.com.br/ghbr/noticia/29641/Munhoz---A-ideologizacao-da-estatistica/>

teimosamente, insistem em dizer que o Estatuto do Desarmamento ajudou a poupar muitas vidas, não abordarei o tema, pois recentemente escrevi mostrando a absurdidade da assertiva, leiam “É Verdadi Ece Bilete!..”⁴

Vamos aos temas de hoje. Após a exploração enviesada dos dados estatísticos, a conclusão do trabalho aponta: “Vimos ainda a urgência de se enfrentar o legado da escravidão: somos um país extremamente desigual [...] racialmente. [...] verificamos também substancial aumento de casos de letalidade intencional, motivados por feminicídio e por homofobia, dois temas que têm que ter um tratamento particular, não apenas por parte do aparelho de segurança pública estrito senso [...]”

A leitura dessas frases, alijadas de uma análise coerente e, ao contrário, embasada em exame dos dados com o viés ideológico da esquerda, levará qualquer leitor mais crédulo a imaginar: “bah, no Brasil estão praticando o extermínio (verdadeiro genocídio) de ‘negros’, mulheres e homossexuais”!.. Nada mais enganoso e não podemos olvidar o aviso de Bernardo Guimarães Ribeiro: “A afirmação corriqueira de que uma mentira muitas vezes repetida torna-se verdade não é sofisma.

⁴ <https://www.tribunadiaria.com.br/ler-coluna/552/e-verdadi-ece-bilete.html>

Estudos de neurociência recentes descobriram que *verdade e familiaridade* são pouco distinguidas em nosso cérebro”⁵.

Importante grifar, não tolero homicídio (passei 25 anos no Tribunal do Júri, condenando homicidas sem importar a cor, raça, sexo ou preferência sexual da vítima), dediquei minha carreira a ser defensor da vida e para mim todas as vidas importam desde o ventre materno, porém, irrita-me quando vejo o tipo de aproveitamento ideológico que tenta jogar ‘irmão contra irmão’ na busca de, ali na frente, ganhar votos ou poder.

Segundo o Atlas no ano de 2017, foram mortas 4.936 mulheres, índice de 4,7/100mil habitantes (o número de mulheres no Brasil supera o de homens)⁶. Detalhe, não há como discernir, pois os dados são incompletos, o que exatamente foi “femicídio” ou outra razão, p. ex., muitas mulheres, hoje, são exploradas pelo tráfico de drogas e acabam morrendo na guerra das Orcrins e inúmeros outros motivos possíveis.

Quanto ao grupo LGBTI+, o trabalho aponta a ocorrência, em 2017, de 193 homicídios e, mais uma vez, sem

⁵ In Nadando contra a corrente. Ed. Armada, págs. 115/116. No texto complementa o autor; “uma mentira grotesca, massificada, gera em nosso subconsciente a sensação de familiaridade pela repetição, mimetizando a verdade. O Nobel em Economia Daniel Kahneman explica o fenômeno em sua obra *Rápido e devagar, duas formas de pensar*”.

⁶ <https://www.seade.gov.br/mulheres-sao-maioria-e-vivem-seis-anos-a-mais-que-os-homens-no-vale/>

possibilidade de comprovar ou esclarecer quantos são decorrentes de “homofobia” ou outras causas (nos citados 25 anos de Júri, realizei 02 plenários, cujas vítimas eram gays, ambos casos de briga de casal, ciúmes e não homofobia). O Atlas aponta não serem boas as fontes de dados e que “uma luz no apagão estatístico seria o GGB (Grupo Gay da Bahia) que há 25 anos tabula as mortes de homossexuais”, no entanto, tais dados não são confiáveis, basta olhar o *site* do movimento para ver que incluem tudo: acidentes, suicídios na conta da homotransfobia.

Como visto, ocorreram $4.936 + 193 = 5.129$ lamentáveis homicídios – torço para a descoberta e a condenação exemplar de cada autor –, mas vejam, isso aconteceu em um universo de 65.602 mortes, ou seja, somados não chegam a 10%, porém os ‘especialistas’ insinuam a ocorrência de um genocídio de mulheres e homossexuais no Brasil. Seria mais viável na situação falar em um genocídio de homens héteros de qualquer cor, pois foram 60.473 homicídios.

Quanto à violência contra negros (o estudo utiliza a terminologia do IBGE *negros* = pretos + pardos; e *não negros* = brancos + amarelos + indígenas), segundo os “especialistas”: “No Atlas da Violência 2019, verificamos a continuidade do

processo de aprofundamento da desigualdade racial nos indicadores de violência letal no Brasil”, pois, de acordo com os dados, estariam morrendo mais ‘negros’ do que ‘não negros’, embora reconheçam que, analisada a ‘década’, existem vários Estados onde a tendência é contrária.

Segundo a análise dos “especialistas”, a tendência de mais mortes de ‘negros’ seria alavancada por cinco Estados: RN (87,0/100mil); CE (75,6); PE (73,2); SE (68,8); e AL (67,9).

Para chegar à conclusão das ‘entrelinhas’, acerca de uma perseguição racial no Brasil, onde propositalmente mais ‘negros’ são mortos, necessário seriam informações sobre os porquês, os motivos das mortes (foram por racismo ou por outras causas), o banco de dados utilizado não contém esses informes. O SIM/MS anota o óbito e a causa (tiro, facada etc.), mas não informa o motivo, portanto, qualquer conclusão a respeito é mera suposição, sem embasamento empírico.

Além disso, esqueceram, de ponderar na análise, uma pequena informação (fácil de ser encontrada)⁷, pois consoante o

7

https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjyktfljrruAhUFH7kGHUNICj8QFjANegQIEhAC&url=https%3A%2F%2Fagenciadenoticias.ibge.gov.br%2Fagencia-noticias%2F2012-agencia-de-noticias%2Fnoticias%2F18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos&usq=AOvVaw3oPSKY9iQj4bAZHfNXdzV_

IBGE aumentou o número de ‘negros’ (pretos+pardos), declarados em relação aos ‘não negros’ (brancos+amarelos+indígenas) no Brasil. Já haviam ultrapassado por volta de 2010/2011 e de lá para cá cresce a cada ano. Pode, inclusive, ser maior, pois o IBGE não faz tribunal racial, o levantamento é feito com base na “declaração”, ou seja, por variadas razões pode haver quem ainda não se declare desta ou daquela forma.

Outros dados olvidados, os Estados que alavancariam o número dos homicídios de ‘negros’, não por acaso, estão entre os que possuem maior número de tal população. Acerca do tema – divisão da população entre ‘negros’ e ‘não negros’ por Estado - não achei levantamento atual, mas, observem o quadro retratando o ano de 2010, didaticamente apresentado no Wikipédia⁸: RN, 58% da população é ‘negra’; CE, 66,9%; PE, 61,9%; SE, 70,7% e AL, 73,5%. Todos Estados na região nordeste. O quadro seguinte, na mesma matéria, anota possuir a

8

https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj19djQjbruAhX7GbkGHW7cBzUQFjABegQIBhAC&url=https%3A%2F%2Fpt.wikipedia.org%2Fwiki%2FLista_de_unidades_federativas_do_Brasil_por_porcentagem_de_ra%25C3%25A7a&usg=AOvVaw3T06YRs0MoFEKOFHEmDw4g

região 69,2% de ‘negros’, ou seja, seria estranho e motivo de preocupação se estivessem sendo assassinados mais ‘não negros’ no Nordeste, aí seria de cogitar alguma espécie de extermínio racial.

Ao fim e ao cabo, analisados os dados corretamente, e não com a distorção ideológica dos ‘especialistas’, é possível afirmar inexistir perseguição no Brasil ao negros, mulheres e ao grupo LGBTI+. O que existe no Brasil é uma matança de 65.602 Brasileiros e que o poder público, pouco ou quase nada faz para combater, por falta, na maior parte do tempo, de interesse político e do enraizamento nos alicerces do sistema repressivo do ‘garantismo’ e da bandidolatria, gerando a impunidade, cujos efeitos são deletérios, pois o crime passa a valer a pena...

Quando o orador [...] aponta a presença de cento e poucos homossexuais entre 50 mil vítimas de homicídios como prova de que há uma pandemia de violência antigay no Brasil, é evidente que o seu senso natural das proporções foi substituído pelo hiperbolismo retórico do discurso grupal que, no teatro da sua mente, vale como reação genuína à experiência direta.

(Olavo de Carvalho. Os Históricos no Poder, artigo publicado no Diário do Comércio em 12/12/2012)

Deus tenha piedade de nós!

Parte 2: A assertiva implícita na crítica “mais armas, mais homicídios” é destruída passando um simples olhar atento

A teoria da “*pax mafiosa*” – que atribui o arrefecimento da criminalidade a cessação de disputas violentas entre facções criminosas – tão recorrente quanto refutada no Brasil – não explica a queda do número de estupros, roubos e latrocínios registrados, muito menos a retração simultânea da criminalidade em todas as regiões do território nacional. [...] É possível que algo tenha passado despercebido aos analistas? Entre a admissão do desconhecimento acerca das origens da queda dos índices de criminalidade violenta e a exclusão peremptória de uma de suas causas mais prováveis (reação estatal contra o crime), algum fator deixou de ser considerado por nossos expertos? [...] Qualquer análise honesta dessa nova tendência pressupõe que se deixe de lado o viés ideológico de confirmação ou negação e, junto com ele, todo frenesi e histeria que predisponham o investigador a descartar hipóteses que coincidam com suas crenças e concepções ideológicas. Menosprezar o efeito do trabalho empreendido por nossas forças e serviços de segurança e sobrestimar o poder do crime organizado é um grave erro: 6.684 vítimas a menos são um bom motivo para acreditar em algo melhor. [...] Basta de apologia da derrota! Diego Pessi⁹

⁹ PESSI, Diego. In: *Violência, Laxismo Penal e Corrupção do Ciclo Cultural*. 1. ed., Londrina : Ed. EDA, , 2020, p. 129, 130, 132 e 133.

Falei ao término do último artigo que o Atlas 2020 estava hilário, porque, como bem apontado no texto de Diego Pessi, viram o fenômeno – diminuição de 31,6/100mil habitantes (65.602 mortes violentas) em 2017 para 27,8/100mil (57.956) em 2018, significando 7.546 vidas salvas –, mas não sabem a causa, pois a atribuem à *Pax Mafiosa* – que, segundo o trabalho, aconteceu no Norte e Nordeste, mas a diminuição dos crimes ocorreu em todo o País – e querem crer na boa vontade da bandidagem, que de uma hora para outra resolve não delinquir, ao invés de destacar o recrudescimento do combate ao crime pela força pública.

Além disso, insistem em atribuir ao ‘estatuto do desarmamento’, que só retirou as armas do cidadão honesto (como se a bandidagem não possuísse imenso arsenal, grande parte de ‘uso restrito’, somente permitido às Forças Armadas e de Segurança). Esquecem que nos primeiros dez meses de 2019 foram apreendidas – só no Rio de Janeiro¹⁰ – 7.215 armas, das quais 468 fuzis, com a bandidagem (dados conhecidos, pois o

¹⁰ Disponível em:

https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiy0aCD3OntAhVzIbkGHTyYCLMQFjABegQIBBAC&url=https%3A%2F%2Fdiariodorio.com%2Fcrimes-no-rio-de-janeiro-em-queda%2F&usg=AOvVaw3_S5y922t_NL1XLy55zoFl último Acesso em: 1º mar. 2021, às 10h08.

Atlas lançado em 2020 computa os dados de 2018, ou seja, pelo menos parcialmente conhecem os dados de 2019).

Atribuem, igualmente, à mudança demográfica brasileira (com diminuição dos jovens) a piora dos dados sobre violência no Brasil, bem como à política de segurança de ‘alguns’ Estados, porém a diminuição ocorreu no Brasil, como um todo, e não só dos homicídios, mas de todos os crimes, ou seja, como diz a epígrafe, não dá para tirar da conjuntura a verdadeira causa (a reação estatal contra a criminalidade). O mais engraçado de tudo é ver, embora velada, pois nas entrelinhas, a admissão do erro ou do viés que não permite apontar a causa certa, quando após uma mirabolante construção anotam: “Tal conjectura serve apenas para mostrar que as hipóteses apontadas acima poderiam explicar razoavelmente bem a queda do número de homicídios em 2018. Naturalmente, tal exercício não constitui nenhuma evidência robusta sobre a diminuição dos homicídios no Brasil, o que deveria ser objeto de análise mais aprofundada”.

Claro, não fazem análise mais profunda, pois aí teriam que apontar as verdadeiras causas e não poderiam seguir dizendo: que a diminuição de burocracia para aquisição de armas pelo cidadão honesto vai aumentar a mortandade; que a sociedade não pode seguir apostando as fichas na retórica vazia

do populismo penal, do encarceramento em massa e da brutalidade policial, que nunca funcionaram (baseados em zero processo dialético, pois nunca trazem estudos sérios que apontem posições diversas as suas à consideração do leitor, p. ex., “a teoria das janelas quebradas” nem outros a demonstrar como efetivamente funciona dissuadir, com efetivo combate ao crime, e incapacitar, com prisão de verdade sem milhares de *benesses*, como previstas em nossa legislação). “Insanidade é fazer sempre a mesma coisa e esperar resultados diferentes”¹¹.

Não poderiam, da mesma forma, seguir sugerindo medidas para diminuir a violência como: a melhoria da iluminação pública (fl. 86) ou a justiça restaurativa (fl. 87)¹², que servem claramente para demonstrar o viés esquerdista que molda a mão que movimenta a caneta, além de tantas outras (muitas iniciativas aplicadas em outros Países), pelo menos tiveram honestidade em admitir: “Um primeiro ponto diz

¹¹ Albert Einstein.

¹² A justiça restaurativa assim como o Direito Alternativo são duas versões revolucionárias a serviço de uma causa comum: o poder global. Diferem, no entanto, pelo fato acidental de que o Direito Alternativo surgiu de maneira marginal. Foi um movimento de insurgência de pouca penetração. A Justiça Restaurativa, ao contrário, veio a lume com ares de novidade prêt-à-porter, verdadeira panacéia afiançada pela ONU e, portanto, com a força de mandamento divino. FREYESLEBEN, Márcio Chila, *In: Globalismo e Ativismo Judicial: Ministério Público Agente de Subversão Social*. 1. ed., Londrina: Ed. EDA, 2020, p. 195/196.

respeito à validação externa das evidências. Intervenções com bons resultados em outros países não necessariamente terão sucesso no Brasil”.

Não poderiam, igualmente, fazer a crítica ferrenha aos decretos governamentais que tentam facilitar o acesso às armas, com o intuito de permitir ao cidadão honesto o exercício da legítima defesa, para defender seu ‘direito natural à vida’. Dizem: “as consequências desta política armamentista se perpetuarão no longo prazo, com efeitos contra a paz social e a vida, já demonstrados por inúmeras pesquisas”. Tal assertiva só aponta mais uma vez a ideologização dos dados estatísticos.

Analisei os dados brasileiros e mostrei o equívoco em outro artigo¹³. A assertiva implícita na crítica “mais armas, mais homicídios” é destruída passando um simples olhar sobre alguns Países, nos quais a relação armas/habitantes é muito maior que no Brasil e isso não gera aumento de homicídios, como EUA, Suíça, ou até mesmo o vizinho Uruguai, o mais armado da América do Sul, e cujos índices de homicídios/100mil habitantes (7,8/100mil em 2017 e 11,2/100mil em 2018, segundo relatório apresentado pelo jornal El País) nunca chegaram próximos aos

¹³ <https://www.tribunadiaria.com.br/ler-coluna/552/e-verdadi-ece-bilete.html>

tenebrosos e inaceitáveis 31,6/100mil habitantes registrado em 2017.

A Justiça Restaurativa prega, em síntese, o abolicionismo: “um movimento jurídico-social que propõe o fim da pena de prisão, bem como a extinção do próprio direito penal”. Prega o minimalismo. “Assim como o abolicionismo, o minimalismo passa a ocupar o cenário de controle social e das políticas criminais nas sociedades capitalistas a partir da década de 1970. O contexto em que ambos os movimentos emergem é o da deslegitimação dos sistemas penais. Freyesleben, Márcio Chila.¹⁴

Que Deus tenha piedade de nós!..

PS: pensei que duas crônicas seriam suficientes, mas será necessária uma terceira, pois ainda ficaram inúmeras absurdidades e distorções, no Atlas da Violência 2020, sem apontamento e demonstração do desvirtuamento.

¹⁴ <https://revista.mpm.mp.br/artigo/justica-restaurativa-outra-velhacaria-globalista/>

Parte 3: Resposta final, a verdade sobre os dados da segurança pública no Brasil

Fabricaram uma tela através da qual nossa época contemporânea absorve informações manipuladas. Jean-François Revel. A fim de preservar a visão imaculada do intelectual unguído, os membros da *intelligentsia* e seus agentes lançam mão de expedientes ousados e até mesmo desesperados, incluindo manipulação e filtragem dos fatos, redefinições dos termos e, no caso de alguns intelectuais, desafio à própria noção de verdade. [...] Dados estatísticos também podem ser filtrados ou manipulados, seja omitindo dados desfavoráveis às conclusões almejadas [...] ou restringindo a liberação deles. [...] A verdade dos fatos empíricos ou uma lógica convincente se revela inimiga dos dogmas.” Thomas Sowell.¹⁵

Como vimos, na parte anterior, fizeram vã tentativa de explicar, por seu viés, a diminuição da criminalidade, e não conseguiram. Não perdem viagem, entretanto, e continuam a defender a pauta identitária (o moderno proletariado das esquerdas, deixando bem claro a quem

¹⁵ SOWELL, Thomas. *In: Os Intelectuais e a Sociedade*. São Paulo: Ed. É Realizações, 2011, p. 188, 195 e 229.

servem), ou seja, aqueles grupos baseados em cor, sexo, orientação sexual, etnia e inúmeras outras divisões, surgidas a cada dia e, que ao fim e ao cabo, levarão à completa atomização da sociedade. Aproveitando em contrapartida (de forma subjacente, pois contido nas entrelinhas) para satanizar o homem hétero, branco, cis (quem se identifica com o seu sexo biológico) e cristão, e que por haver nascido privilegiado, necessita purgar a culpa de um crime que não cometeu e pagar uma dívida história que não contraiu e pela qual não tem responsabilidade alguma.

Iniciam, na realidade, querendo criar mais uma divisão em nossa sociedade já atomizada, explorando fortemente o que chamam de “juventude perdida”, destacando que 53,3% dos homicídios do país atingem jovens entre 15 a 29 anos (mais homens que mulheres), como se houvesse uma verdadeira matança de jovens no Brasil, ou seja, os homicidas saem às ruas com a mentalidade “hoje vou matar um jovem”. Como se fosse esse o motivo do homicídio, “hoje eu quero matar um

jovem”. Claro que isso não existe e a resposta está no próprio Atlas, porém, fragmentada para permitir a manipulação.

Vejam quando, mais ao final do trabalho, traçam o perfil dos homicídios (fls. 67 a 73). Entre 2008 e 2018 ocorreram 628 mil homicídios no Brasil (verdadeiro escândalo e só recentemente o Governo ousou mudar sua política de segurança, há mais de 20 anos vinha fazendo mais do mesmo, esperando que os resultados fossem diferentes. Na dicção de Einstein isso é ‘insanidade’), sendo 91,8% de homens, dentre os quais 74,0% negros, e, entre as mulheres, 64,4% (desse recorte falo adiante), grande parte apresentava baixa escolaridade. Além disso, ainda falando de estatísticas, a maioria são solteiros (84% dos homens e 71% das mulheres), bem como a maioria (77,1%H e 53,7%M) são cometidos com armas de fogo¹⁶, e a maior parte ocorre na primavera ou verão,

¹⁶ Mas o estatuto do desarmamento possui relevante impacto na diminuição dos homicídios, como estudado na parte II dessa série, segundo nossos ‘especialistas’.

com o pico em dezembro e janeiro, nos fins de semana, entre 18h de um dia e 02h do seguinte.

A soma de todos esses dados não aponta para uma matança premeditada de jovens, mas para a óbvia maior exposição dos jovens solteiros, nos fins de semana de verão e horários indicados. Com certeza, estarão muito mais na rua e expostos que os mais velhos e/ou casados que passarão mais tempo em casa, mesmo nos meses, dias e horário apontados.

Resposta mais factível é encontrada na entrevista de Mario Layera¹⁷, diretor da polícia do Uruguai, que, entrevistado sobre a “liberação da maconha” no país vizinho, afirma a ocorrência do aumento do consumo, do tráfico, da criminalidade e, principalmente: “nos últimos anos a polícia verificou o aumento de assassinatos, principalmente de homens jovens, que em muitos casos se tratavam de ajustes de contas entre pessoas ligadas ao tráfico”. Eis a resposta, enquanto continuar a ocorrer

¹⁷ <https://g1.globo.com/mundo/noticia/legalizacao-da-maconha-nao-diminuiu-trafico-no-uruguai.ghtml>

incentivo e glamorização do tráfico no Brasil continuarão os jovens sendo o maior número de mortos no Brasil, pois sabemos que as organizações criminosas os seduzem e captam cada vez mais cedo e, envolvidos nesse meio, estão sujeitos e expostos a todo tipo de conflito (enfrentamento com a polícia, gangues rivais etc.)

Continuam, na busca de demonstrar a existência de uma perseguição identitária no Brasil, falando sobre a violência contra a mulher, apontando a ocorrência de 4.519 homicídios, gerando o índice de 4,3/100mil habitantes (no universo de 57.956 mortes, com índice de 27,8/100mil) e uma diminuição de 9,3% em relação ao ano anterior. Em síntese, não há como sustentar que há uma proposital matança de mulheres (pelo motivo de serem mulheres) no Brasil, porém, como não podem deixar de lacrar, na busca de causar impacto, fracionam: uma mulher morta a cada ‘duas horas’ no Brasil, totalizando 4.519 (fl. 37). Façam o mesmo cálculo, usando os dados gerais (não o recorte, mulheres), e perceberão que os brasileiros (independente de raça, cor, sexo, preferência sexual etc) foram assassinados

em torno de 4.830 por mês; 161 por dia e um a cada, mais ou menos, 7 minutos, perfazendo o total de 57.956, no ano em análise

Como a ‘matança’ de mulheres não cola com os dados atuais, fazem novo recorte incluindo na jogada a raça e dizendo que, embora haja diminuído o número, há uma flagrante ‘desigualdade racial, pois 68% das mulheres mortas eram negras. Tal diferença aumentaria mais nos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, com 4x mais mulheres negras mortas, e Alagoas, onde os homicídios foram quase sete vezes maiores entre as mulheres negras.

De novo, necessário mostrar a manipulação dos dados. **Primeiro**, não possuem nenhum parâmetro para afirmar que essas mulheres foram mortas por serem negras, deixar tal assertiva nas entrelinhas é mera conjectura manipulatória dos intérpretes do Atlas. **Segundo**, não contam para os leitores que usam o critério do IBGE (negros = negros + pardos), e pardos significa miscigenação que pode ser dentre outras: brancos e negros; brancos e ameríndios, ou seja, muitos são metade brancos e para

demonstrar a perseguição racial não poderiam usar o indicador do IBGE que contempla brancos e ameríndios, por exemplo. **Terceiro**, não informam, igualmente, mesmo usando o padrão IBGE, que o número dos negros ultrapassou os de não negros no Brasil desde 2010, e de lá para cá só aumenta a diferença¹⁸. Somos efetivamente, um país miscigenado. **Quarto**, olvidam-se de alertar os leitores que os quatro Estados que informam alavancar a matança de ‘mulheres negras’ têm clara predominância de população negra¹⁹ (negros = pardos): Ceará, 66,9%; RN, 58,0%; PB, 58,5% e AL, 60,4%. Todos Estados na região nordeste. O quadro seguinte, na mesma matéria, anota possuir a região 69,2% de ‘negros’ (Os dados do quadro utilizado da raça/Estado é de 2010, de lá para cá deve haver aumentado, pois aumentou o número dos autodeclarados negros +

18

https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjyktfljrruAhUFH7kGHUNICj8QFjANegQIEhAC&url=https%3A%2F%2Fagenciadenoticias.ibge.gov.br%2Fagencia-noticias%2F2012-agencia-de-noticias%2Fnoticias%2F18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos&usg=AOvVaw3oPSKY9iQj4bAZHfNXdzV_

¹⁹ <https://www.google.com.br/url?>

pardos no Brasil). Estranho seria se em tal região estivessem matando mais mulheres não negras.

Resumo da prosa, com os dados apontados não há como concluir a ocorrência, no Brasil, de uma matança intencional de mulheres negras, exceto em mentes doentias que querem, manipulando os dados de forma sectária, criar uma pauta de discriminação identitária no Brasil, usando o *Divide et impera* (dividir para reinar ou vencer), o odioso e reprovado axioma da autocracia. Como, aliás, buscam fazer no tópico seguinte, a análise das mortes raciais, aí sem separar as mulheres, análise parecida com a criticada (alterados só os números, menores em 2018), na primeira parte dessa série, a qual remeto o leitor²⁰.

Quanto ao grupo LGBTI+, o trabalho aponta a ocorrência, em 2018, de 138 homicídios em comparação aos 193 de 2017 e, novamente, sem dado algum para demonstrar quais são diretamente ligados a “homofobia” ou outras causas. Continua, dizendo não serem boas as fontes, embora

²⁰ <https://www.tribunadiaria.com.br/ler-coluna/782/estatistica-e-ideologia.html>

julguem corretos os dados do disque 100. Segundo os ‘especialistas’, o farol a guiar tal busca seria o GGB (Grupo Gay da Bahia) que há 25 anos tabula as mortes de homossexuais. Reitero, como dito na primeira crônica da série, acessem o *site* do GGB e verão como não são confiáveis, pois misturam tudo, como acidentes e suicídios, na conta da homotransfobia, para aumentar o número, com evidente viés de distorcer e manipular.

Reposta a verdade dos dados, 4.519 (mulheres) + 138 (LGBTI+) no universo dos 57.956 homicídios de 2018 (abomino qualquer homicídio, há 34 anos luto para colocar os homicidas na cadeia, seja quem for a vítima) fica cristalina a inexistência de uma guerra ‘identitária’ no Brasil. Há, na realidade, uma ‘guerra cultural’ que por décadas glamouriza a bandidagem e demoniza a polícia e mais recentemente tenta dividir o povo com essas novas pautas. Somado esse caldo, acontece a aceitação, quase geral, do ‘garantismo penal’ no meio de direito brasileiro. Pronto, está feita a mistura explosiva que torna o Brasil um dos países onde mais são cometidos crimes (de toda a espécie) no

mundo e, em contrapartida, um dos que menos pune e possui uma das legislações mais frouxas, ou seja, UM PAÍS ONDE VALE A PENA COMETER CRIMES!.. Até quando veremos nossa população ser sacrificada no altar da impunidade e os responsáveis continuarem a aplicar os mesmos placebos, que todos já sabem não resolvem nada!.. Até quando?..

Manipulação e uso tendencioso das informações não produzem apenas fatos fictícios, mas também pessoas fictícias. Isso se torna claro no caso de ditaduras totalitárias, nas quais tiranos genocidas são retratados pela propaganda oficial como gentis, sábios e misericordiosos líderes de seus povos, ao mesmo tempo que todos os que porventura se oponham ao ditador, local ou internacionalmente, são retratados como os tipos mais vis de criminosos”. Thomas Sowell²¹.

Deus tenha piedade de nós!..

²¹ *Idem loco citato* nota de rodapé 1, p. 207.